



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

30 e 31 de março de 2019

Notícias do Dia
Capa e Geral
"Catarina deixou legado"

Catarina deixou legado / Furacão / Santa Catarina / Rio Grande do Sul / Defesa Civil / Calamidade pública / Epagri / Clóvis Correa / Furacão Catarina / Arroio do Silva / Maria Lúcia Herrmann / Atlas de desastres naturais do Estado / Frederico Rudorf / Grupo de Estudos de Desastres Naturais / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Daniel Calearo / Curso de Meteorologia / IFSC / Instituto Federal de Educação



Após **passagem** do primeiro **furacão** do Atlântico Sul, há 15 anos, **Estado** investiu em equipamentos e **medidas** voltados à prevenção e **alerta** para o fenômeno

Catarina deixou legado

O primeiro furacão do Atlântico Sul completou 15 anos nesta semana. Batizado com o nome Catarina, atingiu Santa Catarina e o litoral Norte do Rio Grande do Sul entre os dias 27 e 28 de março de 2004. Deixou um verdadeiro rastro de destruição e 11 mortos. Segundo a Defesa Civil, foram 33.165 desabrigados e desalojados e 18 pessoas feridas. Foram danificadas 35.873 residências e 993 destruídas. Para o Estado, restou um legado e um aprendizado: o fenômeno é raro, mas temos que estar preparados caso haja condições para que ele se forme.

Ao todo, 14 municípios decretaram estado de calamidade pública e sete situação de emergência na época. Os prejuízos econômicos foram superiores a R\$ 850 milhões. Entre as vítimas, dez pescadores perderam a vida, além de um motorista, cujo veículo foi atingido pela queda de uma árvore.

"Foi algo inédito. Não temos registros anteriores nem de satélites. Ele se formou a mais de 1 mil quilômetros da costa e ficou mais intenso justamente no dia 28", diz o meteorologista da Epagri Clóvis Correa, que depois do Catarina se tornou um estudioso no assunto. Em entrevista à RICTV, ele ressaltou a importância do alerta que foi dado à época para a população. "Quando percebemos que ele se deslocava para o litoral começamos a alertar as pessoas e isso foi muito importante. Pessoas poderiam morrer se não houvesse aviso. É um fenômeno do qual não se tem controle", acrescentou.

A chegada do Furacão Catarina foi às 17h45 do dia 27 de março de 2004, em Arroio do Silva, Sul do Estado. Às 19h50 começou a chuva e o vento Sul, e a partir das 22h48 a chuva muito forte e o vento intenso provocaram o destelhamento de alguns prédios. Às 22h30, o mar atingiu casas e calçadas situadas na orla. À 1h15 do dia 28, com a entrada do olho do furacão, chuvas e vento cessaram e muitas pessoas saíram de suas casas. A fase crítica, no entanto, estava para começar às 2h48 com ventos de Norte muito fortes, com rajadas de 180 a 200 km/h. A partir das 3h15, os ventos diminuíram para 150 km/h, e às 4h30 para 100 km/h e às 5h30 vento fraco a moderado.



FOTOS DEFESA CIVIL SC/DIVULGAÇÃO/ND

Os prejuízos registrados nos 22 municípios mais atingidos pelo furacão em 2004 foram superiores a R\$ 850 milhões

De frente para a tempestade

O universo acadêmico empurrou o mestre em geografia Frederico Rudolf para o olho do furacão. Ele era um dos integrantes do Grupo de Estudos de Desastres Naturais da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). A equipe chegou ao Sul do Estado horas antes de o fenômeno atingir a costa catarinense. Eles queriam registrar o maior número de informações possíveis. O professor conta que viveu momentos de angústia e

muito medo. "Ficamos de frente para a praia, encostados na parede, com um vento absurdo. A percepção que a gente tinha é de que se desse um passo para frente poderia até sair voando", relembrou.

Algumas casas ficaram de cabeça para baixo. O vento arrancou telhados, postes, derrubou árvores. Quem ficou no mar não teve nenhuma chance. Dos 11 mortos, dez eram pescadores. Os barcos em que elas estavam naufragaram

a 20 quilômetros do farol de Santa Marta, em Laguna. Um homem morreu após uma árvore cair sobre o carro que ele dirigia. Até hoje, as dimensões da tempestade parecem absurdas. "Foi uma grande surpresa, porque até então se dizia que a América do Sul não tem as condições necessárias para esse tipo de informação", acrescenta Daniel Calearo, coordenador do curso de meteorologia do IFSC (Instituto Federal de Educação).

Reação contra futuros desastres

Os equipamentos de alta tecnologia instalados em solo catarinense, incluindo três radares com 100% de cobertura do território, hoje permitem prever e alertar a população sobre tempestades severas com dias de antecedência. Mas a população sabe o que fazer diante de um alerta de furacão? As nossas casas e as novas construções têm abrigos capazes de garantir a proteção dos moradores diante de ventos acima dos 180 km/h? Não há como barrar ou desviar

um fenômeno desses.

Por isso, saber com antecedência que eles estão chegando ajuda. Para geógrafa e pesquisadora María Lúcia Herrmann, que coordenou a elaboração do atlas de desastres naturais do Estado o que falta é conscientização.

"Na própria escola, poderia-se reforçar essa prevenção sobre como a comunidade deveria se comportar. Ainda falta um amadurecimento da população frente aos desastres", comenta.



Região mais afetada pelo furacão foi o Extremo-sul catarinense

Diário Catarinense e A Notícia Artigo

“Em respeito aos meus filhos”

Em respeito aos meus filhos / Gercino Gerson Gomes Neto / Movimento de 1964 / Golpe de Estado / Ditadura militar / Tancredo Neves / Pra Não Dizer que Não Falei das Flores / Geraldo Vandré / ETEFESC / Centro Acadêmico da Faculdade de Direito / UFSC / CAXIF / Novembrada / Figueiredo / Praça XV de Novembro / Ulysses Guimarães

Em respeito aos meus filhos

Gercino Gerson Gomes Neto

*Membro do Ministério Público catarinense,
PGJ no período 2007/2011*

É consenso entre historiadores, cientistas políticos etc. que o chamado Movimento de 1964, foi um golpe de Estado contra um governante legitimamente eleito, com apoio de setores da sociedade – parte da elite e classe média, mídia, entre outros.

Tal golpe degenerou em ditadura, que perdurou 21 anos, até a chamada redemocratização do país, com a eleição indireta de Tancredo Neves.

Nascido em 1961, apesar de jovem, acompanhei de perto a ditadura militar. Lembrô-me de meu pai auxiliar amigos perseguidos pela ditadura, no final dos anos 1960, e, ouvia-se na minha casa, em som bem alto Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores, de Geraldo Vandré.

Cresci “nas ruas da pequena Florianópolis”, onde, aos poucos, fui aprendendo sobre os efeitos nefastos da ditadura. Tortura, presos políticos, censura a tudo e a todos que contestavam a ditadura, abafamento dos casos de corrupção. Até censura a um surto nacional de paralisia infantil foi feito, dificultando o trabalho dos agentes de saúde.

Cedo, participei de reuniões sobre presos políticos (tinha 17 anos), na antiga

Faculdade de Economia, bem como fui a julgamentos de presos políticos, realizados na antiga ETEFESC, no ano de 1978.

Iniciei a faculdade em 1979, ano em que começava a chamada “distensão da ditadura”. Participei da recriação do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da UFSC (CAXIF), fechado por ato da ditadura, como todos os centros acadêmicos do Brasil.

Participei das manifestações da novembrada, quando fomos à rua pedir a liberação dos colegas presos no enfrentamento ao presidente Figueiredo na Praça XV de Novembro, enfrentando policiais com baionetas caladas nos fuzis, pelas ruas centrais do Florianópolis.

Assim, ao ver um Presidente da República, defender as comemorações “devidas” ao golpe de 1964, não posso deixar de externar meu inconformismo e repulsa ao ato, apesar de não poder esperar outra coisa de quem homenageou, como herói, um torturador reconhecido como tal pela Justiça.

Portanto, em respeito aos meus filhos, que não viveram aquela época, os chamados anos de chumbo, deixo registrado meu humilde e veemente protesto, parafraseando Ulysses Guimarães: tenho ódio e nojo à ditadura. Ditadura nunca mais.

A Notícia
Claudio Loetz

“Formato novo / Contato direto”

Formato novo / Contato direto / Campus / UFSC / Joinville / Perini / Reitor /
Ubaldo César Balthazar / Blumenau / Araranguá

CURTAS

FORMATO NOVO

O formato do campus da UFSC, em Joinville, integrado ao complexo do Perini, é modelo e inspiração para outros campi da instituição de ensino superior. O reitor Ubaldo César Balthazar, entusiasmado, apontou para o futuro.

CONTATO DIRETO

- Blumenau, Araranguá poderiam dar salto que Joinville está dando. Em Joinville, a UFSC vai colocar pesquisadores e cientistas em contato com projetos de investimentos locais focados em inovação - afirmou o reitor.

Informativo Unesc

Edição Nº 001 – Março de 2019 – Ano 1

“Novos pesquisadores são apresentados”

Novos pesquisadores são apresentados / Unesc / Pesquisa / Fabiano Raupp
Perreira / Professor / Programa de Pós-Graduação em Ciência e Engenharia
de Materiais / Laboratório de Materiais / LABMAT / EMC / Sabrina Arcaro /
Mestre em Ciência e Engenharia de Materiais / Cinara Ludvig Gonçalves /
Doutora em Bioquímica / UFSC

Ensino

Novos Pesquisadores são apresentados

Milena Nandi

A Unesc se destaca em suas mais diversas áreas de atuação. Na pesquisa, tem sido reconhecida pelos bons resultados alcançados nos últimos anos, fruto do intenso e sistemático investimento realizado. Prova disso é o resultado do RUF (Ranking Universitário Folha) de 2018, que apontou a Universidade como a segunda não estatal no quesito pesquisa em Santa Catarina.

Os pesquisadores Fabiano Raupp Pereira, Sabrina Arcaro e Matheus Vinicius Gregory Zimmermann são os mais novos professores do PPCEM e Gislaiane Zilli Réus e Cinara Ludvig Gonçalves, do PPCCS.

Segundo o diretor de Pesquisa e Pós-Graduação da Unesc, Oscar Montedo, atualmente a pesquisa de maior relevância é feita dentro dos PPGs, onde os professores mais dedicados à pesquisa estão alocados. Assim, para que a Universidade continue evoluindo na área, precisa qualificar cada vez mais o seu corpo docente. Montedo afirma que os processos seletivos realizados recentemente pelos Programas de Pós-Graduação tiveram critérios de avaliação rígidos no sentido de atrair os melhores professores para a Unesc.

Os professores vieram para atuar nos mestrados e doutorados em Ciências da Saúde – nota 6 de um máximo de 7 na avaliação da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e em Ciência e Engenharia de Materiais. “Profis-

sionais do mais alto gabarito em suas áreas foram contratados. Cada um com currículo de história acadêmica sólida, com muita produção científica e experiência em orientação. Alguns fizeram doutorado ou pós-doutorado no exterior e foram se atualizar para melhorar a sua linha de pesquisa. Conseguimos trazer para a Instituição profissionais que vão agregar muito à equipe já existente e ajudar a impulsionar ainda mais a nossa produção científica”, afirma.

Montedo explica ainda que a vinda de mais pesquisadores fortalece também a graduação. “Isso colabora com a melhoria da qualidade do ensino, da formação de novos profissionais, dos trabalhos de conclusão de curso, dos núcleos docentes estruturantes e dos espaços em que atuam”.

Conheça os novos pesquisadores da Unesc

Fabiano Raupp Pereira

Doutor em Ciência e Engenharia de Materiais pela Universidade de Aveiro - Centro de Investigação em Materiais Cerâmicos e Compósitos, em Portugal, o professor tem ainda mestrado em Ciência e Engenharia de Materiais e especialização em Engenharia de Produção; Consultoria Empresarial pela UFSC, é graduado em Tecnologia em Cerâmica pela Unesc. Participou da implementação e desenvolvimento do processo de certificação de revestimentos cerâmicos (Centro Cerâmico do Brasil - Laboratório de Materiais - LABMAT/EMC/UFSC) e do Centro Tecnológico em Cerâmica/Materiais - CTCMat - Criciúma. Coordenou os Programas de Inovação Tecnológica e de Intercâmbio do Departamento Regional do Senai/SC, foi professor no Programa de Pós-Graduação em

Ciência e Engenharia de Materiais da UFSC e realizou atividades de pesquisa/investigação no IPN - Instituto Pedro Nunes de Coimbra - Portugal.

“Minhas expectativas em relação ao trabalho a ser desenvolvido na Unesc estão alinhadas à missão e a visão institucional da Universidade e aos próprios objetivos do mestrado e do doutorado do PPCEM, pois podem ser associados ao meu propósito profissional de contribuir com a educação e a produção científico-tecnológica aplicada a minha área de atuação: valorização de resíduos e sustentabilidade”, comenta Pereira.

Sabrina Arcaro

Pós-doutora em Engenharia de Minas, Metalúrgica e Materiais pela UFRGS (2016-2019), Sabrina é doutora em Ciência e Engenharia de Materiais com período de estágio no Instituto de Cerâmica y Vidrio na Espanha (2013-2016), mestre em Ciência e Engenharia de Materiais pela UFSC e graduada em Tecnologia em Cerâmica pela Unesc. Desenvolve ainda pesquisas voltadas para materiais vítreos e vitrocerâmicos, processamento coloidal, síntese de nanoestruturas para diferentes aplicações.

“É uma honra retornar a casa! Me formei na Unesc e foi aqui que despertei como pesquisadora. A Unesc me proporcionou uma excelente formação e agora é a minha vez de contribuir para formar grandes profissionais e acima de tudo, grandes pessoas. Trago uma bagagem de conhecimentos e parcerias de trabalho. Espero com isso poder somar e acima de tudo contribuir com o excelente trabalho que vem sendo desenvolvido pelos profissionais e pesquisadores que aqui estão”, afirma.





Matheus Vinícius Gregory Zimmermann, Fabiano Raupp Pereira, Gislaine Zilli Reus e Cinara Ludvig Gonçalves.

Matheus Vinícius Gregory Zimmermann

Doutor em Engenharia de Minas, Metalúrgica e Materiais pela UFRGS (2016), Zimmermann é mestre em Engenharia de Processos e Tecnologias pela Universidade de Caxias do Sul (2013) e possui graduação em Tecnologia em Polímeros pela mesma instituição. Com experiência industrial e acadêmica nas áreas de engenharia, processos e conformação de materiais poliméricos, o professor atua principalmente nos temas: engenharia de polímeros, processamento de materiais poliméricos; espumas poliméricas; aditivação de termoplásticos; reciclagem e recuperação de materiais poliméricos, projeto e desenvolvimento de linhas de processamento; polímeros de engenharia e análise de estrutura e propriedades de materiais, análises e interpretação de dados instrumentais; controle de qualidade em linhas de produção e produtos poliméricos, desenvolvimento de novos produtos em polímeros.

“O meu ingresso como professor e pesquisador PPGCEM da Unesc tem como objetivo o fortalecimento do setor de materiais poliméricos na região e promover a cultura e crescimento de projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação em empresas, bem como difundir o conhecimento da ciência e tecnologia de materiais poliméricos. Também visio a longo prazo, a criação de um centro de pesquisa aplicada de materiais poliméricos, com notoriedade nacional e internacional”, revela.

Gislaine Zilli

Doutora em Ciências da Saúde (2011) e graduada em Ciências Biológicas (2008) pela Unesc, fez estágios de pós-doutorado na Instituição e na University of Texas Medical School at Houston, nos Estados Unidos. É afiliada da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Sua linha de pesquisa é focada no entendimento dos aspectos neurobiológicos envolvidos na fisiopatologia da depressão, bem como na investigação de novas estratégias terapêuticas para o tratamento deste transtorno. Possui mais de 100 publicações e é autora de um livro científico. Recebeu o prêmio “Para mulheres na Ciência” promovido pela L’Oreal, ABC e Unesc.

“A Unesc é minha universidade do coração e minhas expectativas são as melhores possíveis. É a universidade que fez grande parte da minha formação, na qual tive excelentes professores, que me mostrou a ciência e a pesquisa. Quero trabalhar muito para ver a Instituição crescendo cada dia mais! Quero ensinar meus alunos e aprender com eles. Quero produzir pesquisa de qualidade e fazer redes de colaborações com outras instituições nacionais e internacionais. Me alegra muito a oportunidade em fazer parte deste time”, salienta.

Cinara Ludvig Gonçalves

Pós-doutora pelo Albert Einstein College of Medicine, Estados Unidos, na área de Neurotoxicologia de Metais Pesados, Cinara é doutora em Bioquímica pela UFSC (2017) com estágio

na Universidade de Indiana, Estados Unidos, na área de Neuroinflamação (2016). É mestre em Ciências da Saúde (2013) e graduada em Ciências Biológicas (2010) pela Unesc. Possui experiência na área de Bioquímica, Neurociências e Neurotoxicologia, de modo que publicou diversos artigos científicos relacionados ao papel do metabolismo energético em transtornos psiquiátricos e no uso de antidepressivos; o papel da neuroinflamação e do estresse oxidativo em processos neurodegenerativos, além de trabalhos sobre o efeito de neurotóxicos no neurodesenvolvimento.

“É com grande entusiasmo que irei fazer parte do corpo docente do PPGCS da Unesc, atuando como professora e pesquisadora na linha de pesquisa de Autismo. Meu intuito aqui é coordenar as pesquisas na área de transtornos do espectro autista buscando compreender o papel dos fatores de risco ambientais e genéticos no desenvolvimento do transtorno. Neste sentido, buscarei através da orientação de alunos e futuros pesquisadores, estabelecer um grupo de pesquisa com profissionais que além de atuarem na pesquisa científica básica e em estudos translacionais na instituição, também estejam motivados a agir em atividades de extensão voltadas à comunidade. Acredito que a ponte entre a bancada de laboratório e a clínica eleve exponencialmente o valor científico e social dos projetos aqui desenvolvidos”.

“O fracasso da política econômica do golpe e a tentativa de esmagar as entidades sindicais”

O fracasso da política econômica do golpe e a tentativa de esmagar as entidades sindicais / José Álvaro de Lima Cardoso / Doutor em Ciências Humanas / Universidade Federal de Santa Catarina / Diretor Técnico do Dieese

O fracasso da política econômica do golpe e a tentativa de esmagar as entidades sindicais

Segundo o IBGE, a economia brasileira cresceu 1,1% em 2018 em relação ao ano anterior, tendo chegado ao mesmo patamar do Produto Interno Bruto (PIB) que apresentava no primeiro semestre de 2012. Nos anos de 2015 e 2016, o PIB apresentou variação negativa de -3,5% e de -3,6%, respectivamente. Em 2017 o crescimento foi de 1,1% em 2017. Além do crescimento insignificante em 2018, chama a atenção o desempenho no quarto trimestre do ano, com expansão do PIB de apenas 0,1% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

Crescimento zero do PIB no último trimestre do ano, já aponta que não existe perspectiva de crescimento significativo nem mesmo em 2019, o que é terrível para um governo que se desgasta a cada dia, à medida que suas políticas vão se mostrando. Um dos efeitos do péssimo desempenho do PIB nos últimos anos foi o agravamento da situação no mercado de trabalho, apesar das promessas de que, a partir da contrarreforma trabalhista, aprovada em 11 de novembro de 2017, o mercado de trabalho iria navegar “de vento em popa”. No ano passado, segundo o IBGE, a taxa média de desocupação foi de 12,3%, pouco abaixo dos 12,7% de 2017.

Esse é um dos problemas dramáticos dos governos alçados ao poder através de golpes de Estado, portanto, totalmente ilegítimos. Há uma monumental crise caracterizada por baixo crescimento praticamente no mundo todo. Nos países onde houve golpes recentes, no entanto, a retomada do crescimento é ainda mais difícil, em função da total ausência de credibilidade dos governos. No caso do Brasil a situação se agrava pela total incompetência do núcleo de poder para uma ação política mais eficaz. Crescimento de um 1% num país que já está estagnado há vários anos é gravíssimo. O fato de que a economia, desde o golpe em 2016, não engatou um ciclo de crescimento, por modesto que fosse (uma promessa dos golpistas), seria fundamental para a consolidação do processo.

José Álvaro de Lima Cardoso, continua na página 5

JOSÉ ÁLVARO DE LIMA CARDOSO *

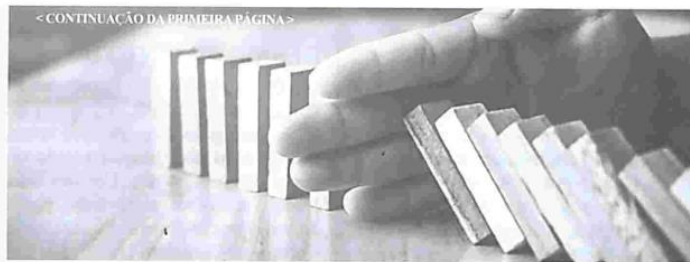
Se a economia estivesse crescendo e gerando empregos, o governo Bolsonaro, mesmo sendo resultado direto de uma fraude, poderia angariar alguma legitimidade para realizar aquilo para o qual lá foi colocado: aprofundar as ações do golpe de 2016, no referente ao fim da soberania e destruir os direitos sociais e trabalhistas que Temer não conseguiu destruir. Para continuar tendo o apoio dos setores que o colocaram lá (principalmente Império e sistema financeiro internacional), Bolsonaro precisará implementar uma política de desmonte de tudo que é público e que signifique algum benefício concreto para a população.

Um aspecto fundamental na análise, e que não aparece na fotografia, é a crise internacional do capitalismo, que se arrasta há anos, e que obriga golpes de Estado na periferia do sistema, forçando transferências crescentes de riqueza para os países capitalistas centrais. A voracidade extrema dos EUA na América Latina, que vem aplicando golpes em todo o subcontinente, e ameaça invadir a Venezuela, não se dá por outra razão. É que a crise é muito grave e requer um nível de risco muito acima daquele enfrentado em situações normais. O vexame recente que o Imperialismo protagonizou na Venezuela, na ridícula tentativa de golpe no dia 23.02, utilizando inclusive um boneco auto proclamado presidente, mostra que estão dispostos a qualquer coisa para superar a crise.

O governo Bolsonaro, crivado desde o início por denúncias de corrupção, poderá se sustentar através da implementação do programa econômico de guerra contra a população. A unidade dos golpistas que sustentam o governo está na realização do referido programa, que terá que atender a duas questões centrais simultaneamente:

1º) realizar uma política que garanta os lucros do capital financeiro internacional (o que significa privatizações, fim da previdência social, redução de transferências sociais do governo, fim dos subsídios a indústria, ou seja, uma operação de desmonte da economia brasileira);
2º) garantir que essas políticas (que vão aumentar muito o empobrecimento da população) não levem à uma explosão social de grande escala.

Reconheçamos que é uma equação muito difícil de resolver. Ajudar os grandes capitais internacionais a enfrentar a queda de seus lucros e a crise mundial do capitalismo, implica, ao mesmo tempo, em aumentar muito o nível de exploração dos trabalhadores brasileiros.



O fracasso da política econômica do golpe e a tentativa de esmagar as entidades sindicais

Resta saber se, após dois anos e meio de massacre do governo Temer, e com quase 15 milhões de desempregados, a população suporta uma política de arrocho de tal envergadura. O Brasil não é a França, de Macron, onde a população tem um padrão de vida muito superior. Mesmo assim, ao que parece, a paciência dos mais pobres e oprimidos com o programa da direita, se esgotou.

No Brasil as condições de saída já são muito piores. Os salários médios no setor privado formal totalizam pouco mais de R\$ 1.500,00 e cerca de cinquenta milhões de brasileiros dependem do Programa Bolsa Família para não passar fome. Os programas sociais, aliás, irão acabar de ser desmontados, em nome da austeridade fiscal. Paulo Guedes e sua equipe têm uma missão, sobre a qual não disfarçam, que é terminar de entregar o país para o sistema financeiro e grandes grupos multinacionais, que não têm nenhum compromisso com projeto nacional ou o bem-estar da população.

A política geral, é de desmonte de tudo que é público. Sabem que para implementar uma política de guerra contra o povo precisam aproveitar os primeiros meses de governo, quando a população ainda estará aguardando o novo governo dizer a que veio. Aqui temos um problema adicional: a base de apoio do governo é extremamente frágil, está longe de ser uma base de apoio ampla, como revelam os desastrosos resultados da pesquisa CNT/MDA, realizada entre os dias 21 a 23 de fevereiro. Uma compilação realizada pelo site Poder360, com base na pesquisa, revela que o nível de popularidade do governo atual ("ótimo" ou "bom") está abaixo do nível de FHC

em fevereiro de 1995. Mesmo com toda a blindagem da mídia, os dados da pesquisa, em geral, são muito ruins a um governo que está no seu início.

Nesse marco geral, eles precisam desarticular as entidades sindicais, um dos poucos focos de resistência à destruição dos direitos sociais e sindicais. No dia 1º de março, aproveitando-se do recesso das festas de Carnaval, o governo publicou uma medida provisória, a MP 873, visando estrangular financeiramente, em definitivo, as entidades sindicais. Entre outros aspectos, a MP estabelece que a contribuição sindical está condicionada à autorização "prévia e voluntária do empregado", e precisa ser "individual, expressa e por escrito". Pela MP é nula qualquer contribuição, mesmo acertada em negociação coletiva ou aprovada em assembleia de trabalhadores. Além disso, ela define que todo o desconto em favor da entidade sindical seja feito via boleto, em vez de desconto em folha.

O conteúdo da MP não pode deixar dúvidas que a intenção é matar financeiramente as entidades sindicais de trabalhadores, que têm sido, com todas as insuficiências, um bastião de resistência ao golpe. É que precisam aprofundar o programa de guerra contra a população e os sindicatos têm sido um dos poucos obstáculos às medidas. Não por acaso a MP surge num momento em que o movimento sindical brasileiro inicia sua preparação para sua "Batalha de Stalingrado" contra a destruição da Seguridade Social.

*Economista, Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina e Diretor Técnico do Dieese.

CLIPPING DIGITAL

30/03/2019

[UFSC divulga 6ª chamada do SISU e 7ª chamada do Vestibular 2019](#)

[Confira a programação do aniversário de Araranguá](#)

[CIC oferece oficina de teatro e dança para a terceira idade](#)

[A ideia Lava Jato \(ou a crônica da destruição de um país\)](#)

[Furacão que deixou rastro de destruição em SC completa 15 anos](#)

31/03/2019

[Concursos abertos em 25 órgãos têm 1.100 vagas na primeira segunda-feira de abril](#)

[Montservice busca soldador, eletricitista, caldeireiro e muitas outras funções; veja todas](#)